



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14684 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**O TRABALHO INTELECTUAL INSURGENTE DE MULHERES NEGRAS NOS ESPAÇOS DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU DA UFMT**

Larissa Madalena da Silva Pinheiro - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Ana Luisa Alves Cordeiro - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

**O TRABALHO INTELECTUAL INSURGENTE DE MULHERES NEGRAS NOS ESPAÇOS DA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* DA UFMT**

O trabalho intelectual insurgente das mulheres negras nos espaços da pós-graduação *stricto sensu* tem se tornado prática de resistência ao racismo em suas interseccionalidades num contexto social capitalista de supremacia branca masculina cisheteropatriarcal. A intelectual negra bell hooks (2005, p. 466) descreve que “[...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes”.

Nessa perspectiva, as mulheres negras estando na base da pirâmide social, sofrem as mais diversas violências em termos raciais, de gênero e classe, todavia, ainda sim têm o poder de desestruturar e desestabilizar “[...] as rígidas e consolidadas relações desiguais de poder do sistema capitalista” (Figueiredo, 2018, p. 1082). Essa desestabilização e desestruturação desprendidas pelas mulheres negras têm confrontado a cultura hegemônica que opera nos espaços universitários através do trabalho intelectual insurgente, assumindo o lugar na ciência e se colocando enquanto protagonista de sua história.

O posicionamento das mulheres negras na luta por seus direitos historicamente conquistado pelo movimento negro e de mulheres negras no Brasil, tem evidenciado possibilidade diversas ao acesso aos espaços da graduação e recentemente a pós-graduação. A

pós-graduação *stricto sensu* no Brasil é dividida em dois níveis de ensino, sendo o mestrado e o doutorado que tem por finalidade, oferecer “[...] dentro da universidade, o ambiente e os recursos adequados para que se realize a livre investigação científica e onde possa afirmar-se a gratuidade criadora das mais altas formas da cultura universitária” (BRASIL, 1965, p. 3).

Dessa forma, ingressar nos espaços da pós-graduação *stricto sensu* e concluir essa fase de ensino possibilita tensionamentos do lugar de subalternidade para o qual muitas mulheres negras foram empurradas, o que concomitantemente fomenta a criticidade, uma educação para liberdade e emancipação humana. Em 2023, no âmbito das políticas de ações afirmativas, foi sancionada a Lei Federal nº 14.723, que altera a Lei nº 12.711/2012 chamada lei de cotas, especificando no Art. 7º- B que:

As instituições federais de ensino superior, no âmbito de sua autonomia e observada a importância da diversidade para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, promoverão políticas de ações afirmativas para inclusão de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação *stricto sensu* (Brasil, 2023, s.p, grifos do documento).

As políticas de ações afirmativas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* promovem a democratização do acesso, o que pode trazer possibilidades para a população negra, em particular para as mulheres negras, de exercer com garantias pesquisas e estudos plurais, quando pensamos outras dimensões para além do ingresso (permanência e formação). Diante disso, temos como objetivo aqui refletir sobre o trabalho intelectual insurgente da mulher negra no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* e seu lugar na ciência como prática de resistência num contexto social capitalista de supremacia branca masculina cisheteropatriarcal.

Nessa perspectiva, o estudo ora apresentado é constituído pela abordagem qualitativa, que “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2002, p. 21-22). Dessa forma, tem o caráter bibliográfico desenvolvida com base nas pesquisas já elaboradas e divulgadas, tendo como aporte teórico metodológico os estudos sobre a educação das relações étnico-raciais e feminismo negro. Também é uma pesquisa de caráter exploratório que investigou uma nova interpretação da realidade, evidenciando relatos de estudantes negras cotistas da pós-graduação *stricto sensu* da UFMT entrevistadas no estudo.

Alinhamos-nos as pesquisas sobre o aporte teórico-metodológico do feminismo negro tendo como categoria a interseccionalidade, ou seja, uma análise que considera a questão racial, mas também de gênero e classe. Patrícia Hill Collins (2016, p. 101) retrata que “o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras”.

Nesse esteio, a partir da categoria da interseccionalidade enxergamos as interações simultâneas de opressão exercida pelo racismo, patriarcado e capitalismo que perduram na estrutura desigual da sociedade brasileira e dificultam e/ou interditam existências negras.

As mulheres negras cotidianamente são ofuscadas por ocupações domésticas que tornam o trabalho intelectual como lugar interdito (hooks, 2005), pois dentro da sociedade racista, patriarcal e capitalista, a cultura perpetua e nega a intelectualidade das mulheres negras, bem como nega-se historicamente a população negra o lugar de sujeita que produz Ciência.

Isso também decorre pelo lugar de subalternidade e desvalorização do trabalho intelectual que a cultura brasileira imbuída ainda de um mito da democracia racial desenha para as mulheres negras, tendo em vista que para grupos ultraconservadores não é interessante que a população negra em situação de vulnerabilidade social tenha consciência da sua realidade e saibam que tem a potencialidade de se emancipar socialmente.

Dados de pesquisa do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar revelam que mulheres negras são as maiores vítimas da fome no Brasil, segundo os dados:

[...] o recorte da escolaridade mostra que as famílias chefiadas por mulheres negras não estão mais seguras em relação à fome nem quando têm maior acesso à educação. Mesmo quando têm oito anos ou mais de estudo, elas estão mais sujeitas à insegurança alimentar que todos os outros grupos pesquisados (Brasil de Fato, 2023, s.p.).

Nessa perspectiva, o papel da intelectualidade para a população negra em especial para a mulher negra é muito importante para romper com o ciclo de desigualdades raciais em suas interseccionalidade que atravessam gerações. Observamos essa relação no relato da estudante cotista Dandara (nome fictício), mulher autodeclarada preta, graduada em História e doutoranda em História da UFMT, quando questionada sobre seu ingresso pelas políticas de ações afirmativas no curso de doutorado da UFMT, descreveu:

[...] eu sou a primeira pessoa da minha família com curso de educação superior. Minha avó é analfabeta. Minha mãe estudou até o ensino médio, eu sou a primeira pessoa da minha família com ensino superior. Então, eu acho que as ações afirmativas elas vêm para construir outros saberes, outras possibilidades dentro da universidade. Para o meu ingresso foi determinante? Foi essencial? Foi essencial. Sem ela, não seria possível (Dandara, 2023).

O ingresso pelas políticas de ações afirmativas para a estudante Dandara, foi preponderante para fosse a primeira de sua família a ingressar em um curso da educação superior, rompendo com o ciclo de subalternidade no âmbito da educação.

Nesse esteio, ao observarmos o papel da mulher negra nos espaços acadêmicos em especial aos programas de pós-graduação, encontramos o fazer científico dessas mulheres sendo subjulgado de forma que as ocupações das vagas pelas mulheres negras são vistas com desprezo, pois ao invés de acolher a presença e incentivar novas pesquisas, a intelectualidade que elas produzem são encaradas como suspeitas ou emocionais.

Ou seja, o sistema de opressão que opera em nossa sociedade e que se encontra nas universidades faz com que o trabalho intelectual das mulheres negras seja insuficiente.

Comungamos do mesmo sentimento proferido pela autora Grada Kilomba (2019, p. 54, grifos da autora), “[...] como eu, uma mulher *negra*, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais *negras/os* como menos válidos”.

Dito isto, evidenciamos outro relato de uma estudante cotista, Ametista (nome fictício), mulher autodeclarada preta, graduada em Ciências Biológicas, mestranda em Antropologia Social na UFMT, que descreve:

As pessoas medem a gente, como se a gente tivesse que corresponder a uma expectativa delas. Isso eu acho que é de humano para humano, mas tem um recorte racial. As mulheres, principalmente as mulheres negras medidas de intelectualidade ou pelo nível de objetificação que se submete. [...] Então, no momento que uma mulher preta se coloca no campo da intelectualidade, ela é questionada. E ela tem que estar sempre se validando, sempre tem que estar provando como se fosse, ah, botar na mesa esse crédito, sabe, tem que estar botando na mesa. (Ametista, 2023).

Conforme dito por Ametista, as mulheres negras estão colocadas em situações que precisam sempre responder as expectativas alheias e são medidas conforme sua intelectualidade ou objetificação corporal, de forma que corriqueiramente as mulheres negras são impedidas de exercer sua intelectualidade, e quando exercem precisam se impor para provar seu valor em sociedade. A autora Audre Lorde (2021), corrobora com reflexões próximas ao relato de Ametista, ao descrever que:

Como mulheres, acabamos desconfiando do poder que emana de nossos conhecimentos mais profundos e irracionais. Temos sido advertidas contra eles durante a vida inteira pelo mundo masculino, que valoriza essa profundidade de sentimento o suficiente para manter as mulheres por perto a fim de empregá-los a serviço dos homens, mas temem a ponto de não refletirem sobre as possibilidades desses sentimentos para eles mesmos (Lorde, 2021, p. 66-67).

Assim, quando as mulheres negras se colocam enquanto cientistas que produzem conhecimentos plurais, insurgentes contra sistemas de opressões (racismo, patriarcado e capitalismo) e diversos nas universidades, os homens acabam por temerem e negativizarem tal intelectualidade. Por isso, refletir sobre a intelectualidade da mulher negra é de suma importância para sua autodefinição e autoafirmação (Collins, 2016), sendo que compreendemos a partir dos dados exposto neste trabalho que é preciso expandir em todo território brasileiro as ações, leis, portarias e decretos que efetivem os direitos da mulher negra a educação superior e possibilitem condições de realização destes direitos.

**Palavras-Chave:** Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Intelectualidade. Política de Ações Afirmativas. Mulher negra.

## Referências

BRASIL. **Definição dos cursos de pós-graduação:** parecer no 977/65. Brasília: MEC, 1965.

BRASIL. **Atualização da Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Lei de Cotas. Brasília: Presidência da República, 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado**, [online], v. 31, n. 1, p. 99-127, Brasília, jan./abr. 2016.

FIGUEIREDO, Angela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. In: **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 2, p. 1080-1099, Rio de Janeiro, 2018.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. In: **Estudos Feministas**, ano 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez., Florianópolis, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACERDA, Nara. **Fome no Brasil atinge mais as famílias de mulheres negras, aponta estudo.** Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/06/26/fome-no-brasil-atinge-mais-as-familias-de-mulheres-negras-aponta-estudo>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 9-29.